

pequena profundidade da maioria das fossas de implantação de esteios, ou, até, o facto de muitos destes se encontrarem praticamente pousados na superfície da rocha de base. Os dois sistemas (esteios pousados e esteios enterrados em fossas) foram aliás encontrados em conjugação no mesmo monumento (Mamoia 2 de Outeiro de Ante), dificultando a reconstituição das arquitecturas originais a partir dos seus negativos actualmente legíveis no sub-solo.

Finalmente, um outro tipo de estrutura (que, embora superficial, vem a propósito referir aqui) existente em torno de certas câmaras e a alguma distância destas é um anel lítico de grandes blocos, tendente a relevar melhor o espaço sepulcral, zona, decerto, sagrada por excelência. Se, num caso, tal anel se sobrepunha à couraça de revestimento e era constituído por grandes blocos irregulares (Mamoia 1 da Abogalheira, Serra da Aboboreira, Amarante), noutros o mesmo anel compunha-se de blocos escolhidos pela sua forma regular, dando à estrutura um aspecto linear; mas, ainda aqui, tal anel tinha funções estruturais diferentes, pois que, num caso (Mamoia 2 de Meninas do Crasto) assentava directamente nas terras do *tumulus*, interrompendo aí a couraça de revestimento, enquanto que noutro (Mamoia 1 de Outeiro de Gregos) servia de contenção exterior ao *cairn* envolvente da câmara.

Algumas considerações de conjunto

Conjugando os nossos dados actuais sobre os diferentes tipos de mamoas e de arquitecturas internas que apresentam, podemos formular algumas questões que deverão ser úteis à orientação das próximas investigações:

- no interior do Norte de Portugal, ou, mais especificamente, na área correspondente ao actual distrito de Bragança, o fenómeno megalítico parece ter tido uma escassa presença, não se conhecendo aí grandes necrópoles, como as de Alvão ou Montalegre, na área ocidental de Trás-os-Montes;
- em todo o Norte do País, o tipo de monumento predominante é o dólmen de pequenas dimensões, de câmara simples, envolto por uma mamoa construída com terra e revestida por um imbricado de pedras. Tais monumentos surgem normalmente agrupados, em zonas planas, facilitando (pelo menos nas actuais condições da cobertura vegetal) o seu destaque na paisagem;
- os monumentos podem ocorrer às mais diferentes cotas, desde as planícies litorais até às superfícies aplanadas do interior, por vezes a altitudes que ultrapassam largamente os 1 000 m acima do nível do mar;
- em cada conjunto, por vezes em cada núcleo, existem monumentos de diferente dimensão ou tipologia. Embora as razões de tal facto sejam ainda difíceis de definir, é possível que as explicações se venham a encontrar ao nível cronológico (sobreposição, no mesmo conjunto, de monumentos de épocas diferentes) e/ou sociológico (hierarquia de monumentos, semelhantes ou não, relacionável com a hierarquização social). Um outro aspecto que haverá que explicar é a ocorrência de monumentos em situação de (maior ou menor) isolamento, bem como a implantação de certas mamoas em zonas topograficamente dominantes em relação a áreas de localização de conjuntos megalíticos. Finalmente, há que esclarecer o significado da presença de certas estruturas nas imediatas proximidades de algumas mamoas.

Os artefactos

É bem sabido que o espólio dos monumentos megalíticos do Norte de Portugal é normalmente pobre, em quantidade e qualidade; além disso, dado o estado de profunda violação em que geralmente se encontra o enchimento das câmaras, torna-se difícil distinguir os artefactos contemporâneos das construções, daqueles que se ligam a utilizações ulteriores dos monumentos. Eis por que, na breve inventariação que se segue, não estabeleceremos tal diferenciação.

I — Instrumentos líticos

a) Pedra Lascada

1. *Micrólitos geométricos* — predominam os trapézios assimétricos com trincadura maior alongada e os segmentos de círculo;
2. *Pontas de seta* — as de base triangular são as mais abundantes;
3. *Lâminas e lamelas* — as primeiras são mais numerosas do que as segundas e, adentro delas, as lâminas de secção trapezoidal predominam;
4. *Outros objectos* — pontas de dardo (?), raspadores, furadores, etc.

b) Pedra polida

1. *Machados* — os machados de contorno rectangular ou sub-rectangular e os de contorno trapezoidal ou sub-trapezoidal são os mais representados; a forma da secção dominante é a rectangular ou sub-rectangular;
2. *Enxós* — objectos menos representados do que os do grupo anterior. De assinalar a recente descoberta, na Mamoa da Mina do Simão (Aboboreira, Amarante), de três enxós, em perfeito estado de conservação, na parte inferior do enchimento da câmara;
3. *Goivas* — ocorrem raramente;
4. *Braçadeiras de arqueiro* — objectos raros, também.

c) Outros objectos líticos

1. *Moinhos manuais* — frequentes, tanto relativamente ao elemento dormente como ao móvel. Ocorrem muitas vezes como material de aproveitamento, utilizado nas construções. De assinalar que na Mamoa da Mina do Simão acima citada, se verificou que o pavimento da câmara, ainda parcialmente conservado, era constituído por elementos móveis de moinhos manuais colocados lado a lado;
2. *Percutores* — também frequentes;
3. *Cristais de quartzo* — surgem igualmente com frequência;
4. *Objectos que podemos considerar como culturais* — raros. De destacar uma placa de granito, em forma de «paleta», proveniente do «dólmen pequeno» de Perafita, Alijó, conservada no Museu Nacional de Arqueologia⁽¹⁴⁾, e um objecto de cerâmica, profundamente cozida, em forma de «cogumelo», encontrado na Mamoa 2 de Outeiro de Ante, Aboboreira⁽¹⁵⁾.

II — Cerâmica

Quanto à forma:

- a) *Vasos abertos* — em calote de esfera, de perfil semi-elíptico, de perfil situado entre o sub-cilíndrico e o tronco-cónico, tronco-cónicos, etc.;
- b) *Vasos fechados* — de forma esférica, muito fechada; idem, com leve estrangulamento no colo; semi-esféricos; ovóides; sub-cilíndrico com leve estrangulamento no colo; carenados, etc.

Quanto à decoração:

- a) *Vasos lisos e com decoração mamilar* — os mais abundantes;
- b) *Vasos com decoração lisa ou impressa não campaniforme; vasos com impressões na superfície interna;*
- c) *Vasos campaniformes*, dos grupos pontilhado marítimo, pontilhado geométrico, e Ciempozuelos — Palmela. De assinalar a recente descoberta, na Mamoa 1 da Chã do Carvalhal, Aboboreira (Marco de Canaveses), de um significativo conjunto de fragmentos de vasos campaniformes, atribuíveis aos grupos pontilhado marítimo (de bandas) e Ciempozuelos — Palmela⁽¹⁶⁾.

Ainda no que toca à cerâmica, gostaríamos de referir aqui que no provável solo de ocupação detectado sob a Mamoa da Mina do Simão, Amarante, se encontraram, entre outros restos de vasos, abundantes fragmentos de um recipiente liso, com perfurações situadas abaixo do bordo, permitindo a quase total reconstituição da forma. Trata-se, pois, do único vaso cerâmico, *in situ*, com posição estratigráfica bem definida, proveniente de uma escavação dolménica do Norte do país.

III — Artefactos metálicos

Raros, destacando-se pontas de cobre de tipo Palmela e três espirais em prata, estas provenientes, respectivamente, de Mamoinha do Monte da Cerca (Esposende), da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos e da Mamoa 4 de Meninas do Crasto (Aboboreira). Apesar dos dois últimos achados não se encontrarem *in*

(14) Com o n.º 9616. V. H. Botelho, *in O Arqueólogo Português*, IV, 1898, p. 187.

(15) Por A. A. Huet de B. Gonçalves (respectivo relatório no prelo).

(16) Agradecemos a Domingos J. da Cruz esta informação.

situ, uma vez que se verificaram, respectivamente, no fundo de uma câmara profundamente revolvida por violações e na parte superficial do monumento, em resultado também de violações, não deixa de ser interessante referir que nos encontramos, nos dois casos, perante *cairns*, tipo arquitectónico que consideramos com probabilidade tardio, e possivelmente datável do Bronze inicial, época em que encaixariam bem estas espirais em prata.

IV — *Objectos de adorno*

Relativamente raros, destacando-se as *contas de colar* de tipos e matérias-primas diversos, nomeadamente de variscite (Mamoas 2 de Outeiro de Ante, Mamoas 2 de Outeiro de Gregos, na Aboboreira, Mamoas de Guilhabreu, Vila do Conde) e de azeviche (Mamoas 1 de Abogalheira e Mamoas 4 de Meninas do Crasto, ambas na Aboboreira).

Problemas cronológicos

Graças às escavações realizadas da Aboboreira, começámos nos últimos anos a dispor de datas de radiocarbono, infelizmente ainda em pequeno número, que nos permitem formular algumas questões, em bases minimamente seguras, sobre o posicionamento cronológico do fenómeno megalítico no Norte de Portugal e no Noroeste peninsular em geral. As mais interessantes são:

Monumento	N.º amostra	Data a.p.	Data a.C.	Observações
Mamoas 3 de Outeiro de Gregos (Baião)	KN — 2765	5200 ± 65	3250 ± 65	Carvões de madeira provenientes do <i>tumulus</i>
Mamoas 3 de Outeiro de Gregos (Baião)	KN — 2766	5230 ± 75	3280 ± 75	Carvões de madeira provenientes do <i>tumulus</i>
Mamoas 2 de Outeiro de Gregos (Baião)	CSIC — 547	4950 ± 50	3000 ± 50	Carvões de madeira provenientes do solo existente sob o <i>tumulus</i> (<i>terminus post quem</i> para a construção do monumento)

Os dois monumentos assim datados situam-se a cerca de 100 m um do outro e são do mesmo tipo (pequena câmara megalítica poligonal, com toda a probabilidade fechada). As duas primeiras datas, muito coerentes entre si, dizem respeito a amostras recolhidas em sedimentos *in situ* do *tumulus*, e situam a sua construção na segunda metade do IV.º milénio a.C. Comparando esses resultados com a data de 3000 a.C. como *terminus post quem* para a Mamoas 2 de Outeiro de Gregos, podemos pensar que entre a construção dos dois monumentos distaram cerca de 300 anos. Será a esta época genérica — segunda metade do IV.º milénio, passagem para o III.º milénio — que deverá atribuir-se o início do megalitismo do Norte do país, ligado a monumentos de espaço sepulcral diminuto e proporções modestas? Seria extremamente arriscado afirmá-lo, como é evidente. Seja como for, lembremos que por essa época se estavam já construindo, na Beira Alta, monumentos de grandes dimensões, com corredor, como nos mostra, por exemplo, a data de 3110 ± 50 obtida para carvões provenientes do fundo da câmara da Orca dos Castenairos (Vila Nova de Paiva) e que, no Alentejo, se aceitarmos as datas, obtidas pelo método da termoluminescência, por Whittle e Arnaud (17), o megalitismo tinha já uma longa história. Mantém-se pois, em relação ao Norte de Portugal, a tradicional dúvida de se saber se o fenómeno megalítico é, aqui, um elemento derivado do Sul, mas que não conheceu, como aí, uma evolução tão rica (em termos de grandiosidade de arquitecturas e de diversidade de espólios a elas associados) ou se são manifestações, à partida, coetâneas, que depois se desenvolveram em sentidos diferentes. Se esta última hipótese se viesse a verificar, então, como é óbvio, os monumentos datados de Outeiro de Gregos marcariam já uma fase mediana do processo, podendo ter convivido (em termos de criação de arquitecturas e sua utilização primária) com megalitos de maior porte, como os dólmenes de grande câmara (Outeiro de Ante 1, Chã de Parada 3) ou até de câmara e corredor (Dólmen de Chã de Parada) que existem na Serra da Aboboreira.

Continuamos, na verdade, sem poder optar entre três modelos explicativos do fenómeno megalítico diacronicamente considerado. O primeiro, seria um modelo evolucionista unilinear, que levaria dos pequenos dólmenes iniciais, de câmara fechada, aos grandes dólmenes de câmara aberta, e, depois, aos dólmenes de corredor clássicos, continuando com os dólmenes com corredor de maiores proporções, e mais ou menos indistinto da câmara (em termos de transição gradual de espaços e dimensões) até às cistas megalíticas, às cistas ainda providas de *tumulus* ou de qualquer marcação superficial, capaz de identificar

(17) Thermoluminescent dating of Neolith and Chalcolithic pottery from sites in Central Portugal, *Archeometry*, 17, 1, 1975.

a sua presença no terreno, e, finalmente, às sepulturas «planas». O segundo, seria aquele que admitiria a contemporaneidade do surgimento de soluções diferentes, nomeadamente de pequenos dólmenes, com ou sem corredor. O terceiro, finalmente, aceitando o megalitismo como um longo processo de desenvolvimento arquitectónico cumulativo, encararia a possibilidade de uma evolução do simples para o complexo, sem exclusão, todavia, da coetaneidade, a partir de determinado momento, de formas «simples» e «evolucionadas». Esta última hipótese levar-nos-ia, por exemplo, a admitir que, em certa fase da evolução megalítica, monumentos de maiores dimensões (ou situados em posição topográfica dominante) se teriam vindo sobrepor às necrópoles tradicionais, ou se teriam, mesmo, colocado em posição de isolamento na paisagem. A confirmar-se esta hipótese, tornam-se evidentes as interessantes ilacções de ordem sociológica que ela permitiria, no sentido de se admitir a progressiva implantação de uma hierarquia no seio social, de início ligada à hierarquização espacial e dimensional dos túmulos, e, por fim, mercê de um ritual funerário cada vez mais individualizador, à redução das suas dimensões e à sua menor acentuação na paisagem.

O problema dos habitats

A dificuldade de identificação dos habitats dos construtores de megalitos, bem conhecida em toda a Europa atlântica, põe-se também para o Norte de Portugal. Duas reflexões prévias podem, contudo, auxiliar-nos a circunscrever este problema:

- em primeiro lugar, é pouco provável que as populações que tumulavam nos dólmenes vivessem em habitats concentrados e estáveis, isto é, de longa duração. Se assim fosse, tais aldeias teriam deixado marcas no terreno suficientemente importantes para que a moderna arqueologia tivesse detectado pelo menos algumas delas, o que, relativamente à área que aqui nos importa, até à data não aconteceu. Ora, se atentarmos no que se passa com os povoados com cerâmicas «de tipo Penha», em curso de estudo por Susana O. Jorge (v. trabalho apresentado a este Colóquio), que, pelo menos a ajuizar pelos dados actuais, parece terem sido em parte contemporâneos do fenómeno megalítico, logo constataremos o profundo contraste que estabelecem com o tipo de ocupação do solo e o modo de vida que o megalitismo pressupõe. Trata-se de habitats riquíssimos em artefactos e, até certo ponto, em estruturas, atestando a definitiva fixação do homem à terra no Noroeste peninsular, fixação que, no caso do mundo megalítico, parece ainda situar-se sobretudo ao nível dos túmulos, isto é, ao nível simbólico da memória colectiva. Para além dos complexos problemas que esta aparente dualidade cultural levanta (como, por exemplo, o de se saber em que tipo de estruturas enterravam os mortos os homens que utilizaram as cerâmicas de «tipo Penha», ou o de se determinar até que ponto a fracção de artefactos depositados nos túmulos megalíticos como oferendas é representativa da totalidade da cultura sua contemporânea), o que é um facto é que a própria existência dos habitats com cerâmicas de «tipo Penha» nos mostra que nada impedia, à partida, que outros tipos de povoados pré-históricos se tivessem conservado no Noroeste peninsular, caso tivessem atingido a importância que permitisse tal conservação.
- Em vários pontos da Europa megalítica (países nórdicos, Irlanda, Bretanha francesa, por exemplo), existem indícios de que habitats e túmulos estariam numa relação espacial próxima, advogando G. Clark, por exemplo, que a implantação dos cemitérios nos permite tirar ilacções sobre a área de exploração preferencial («catchment area») dos respectivos construtores⁽¹⁸⁾. Se, no Norte de Portugal, traçarmos um círculo em torno dos núcleos sepulcrais, cujo raio corresponda aproximadamente a uma hora de caminho a partir do hipotético habitat, encontraremos áreas ecológicas diversificadas, de vale e de *plateau*, que podem ter oferecido ao homem possibilidades muito variadas. É lógico estarmos perante formas de economia mista, com prática da caça (sugerida pela presença de micrólitos que, pelo menos em parte, poderão ter actuado como pontas de seta e, também, por pontas de seta foliáceas), do pastoreio, e da agricultura (comprovada pela frequente ocorrência de moinhos manuais nas sepulturas, a atestar o cultivo de cereais, e, indirectamente, por machados polidos e enxós, instrumentos ligados ao ciclo agrícola), abarcando cada uma dessas actividades o seu espaço próprio. No entanto, se tal modo de vida se baseava numa tecnologia elementar, com prática de queimadas para a abertura de áreas para o cultivo e esgotamento fácil da capacidade produtiva dos solos, ele conduziria necessariamente a uma deslocação periódica do habitat, que seria intencionalmente frágil; se essa deslocação periódica tendesse a estabelecer um certo rotativismo (cujo pólo fixo poderia precisamente ser o túmulo) natural é que o próprio trabalho da agricultura viesse a «apagar» traços anteriores deixados pela ocupação humana. Tal facto, associado à intensa erosão que, ao longo dos tempos, teriam sofrido os solos então utilizados (sobretudo se se situassem em *plateaux* progressivamente desnudados de vegeta-

⁽¹⁸⁾ The economic context of dolmens and passage graves in Sweden, *Ancient Europe and the Mediterranean*, Warminster, 1977.

ção) explicaria a actual inexistência, no registo arqueológico, de vestígios habitacionais. Estes poderiam porém ter-se conservado sob monumentos ulteriormente construídos no mesmo local. Será talvez essa a razão da ocorrência, em alguns monumentos da Aboboreira, de ténues indícios de uma possível ocupação anterior: lareira estruturada encontrada na base da Mamoa 1 da Serrinha; buracos de poste e um vaso detectados sob o lajeado periférico da Mamoa 1 de Outeiro de Gregos; restos de vasos cerâmicos e objectos líticos, juntamente com abundantes carvões, no solo subjacente à Mamoa da Mina do Simão.

Arte megalítica; menires

Uma breve referência, a concluir, a outros dois tópicos do megalitismo do Norte de Portugal.

A *arte dolménica*, que uma recente obra de E. Shee Twohig tratou exaustivamente ⁽¹⁹⁾, dispensando-nos aqui de demoradas descrições, manifesta-se sobretudo nos seguintes monumentos:

Dólmen da Barrosa, Âncora (Caminha) — insculpturas em três lajes, encontradas durante as escavações de J. de Castro Nunes em 1948. Linhas onduladas (serpentiformes) e sinais em U constituíam a base da respectiva ornamentação.

Dólmen da Fonte Coberta da Chã de Alijó (Alijó) — gravuras (covinhas, sulcos) e restos de pintura a vermelho num dos esteios, detectados por C. Neiva nos anos trinta.

Dólmen de Vilarinho da Castanheira (Carrazeda de Ansiães) — motivo pintado a vermelho na laje de cabeceira, constituído por uma forma sub-rectangular, com apêndices, interpretável como antropomórfica, ou como representando uma pele esticada de animal, seg. E. Shee.

Dólmen de Zedes (Carrazeda de Ansiães) — além de covinhas e sulcos na face externa da tampa, restos de pintura em quatro esteios da câmara, inicialmente reconhecidos (tal como no monumento anterior) por Santos Júnior, nos anos trinta, e recentemente revistos por E. Shee, que neles distinguiu elementos serpentiformes, um báculo e um motivo ancoriforme.

Dólmen de Chã de Parada (Baião) — Serpa Pinto — o nosso homenageado neste Colóquio — detectou, nos anos trinta, restos de pintura a vermelho no esteio da cabeceira deste monumento, actualmente invisíveis. A mesma laje apresenta quatro representações de um motivo de difícil interpretação, constituído por um «corpo de traços paralelos e base trapezoidal» (seg. Shee e G. Martinez) ⁽²⁰⁾ e forma geral dissimétrica, tendo de um dos lados um apêndice de contorno curvo. Noutros esteios pode ver-se uma figura radiada, um motivo composto por dois círculos, lado a lado, e uma pequena covinha entre a base dos dois («face ocultada»?) e uma figura que lembra vagamente um 8.

Dólmen de Padrão, Vandoma (Paredes) — Mendes Corrêa publicou, em 1929, pinturas visíveis em fragmentos de esteios deste monumento. Os motivos mais importantes eram, mais uma vez, os ondulados ou serpentiformes e uma figura humana com braços e pernas arqueados. De notar que, ao contrário dos casos anteriores, a decoração se apresentava aqui com carácter bicolor (vermelho e negro).

Presença, pois, no Norte de Portugal, de dólmenes gravados, de dólmenes pintados, e de dólmenes decorados simultaneamente de ambas as formas. Torna-se evidente que, na totalidade dos casos, nos encontramos perante simples restos de uma ornamentação simbólica hoje impossível de reconstituir na sua integralidade, o que praticamente inviabiliza a sua interpretação. Facto tanto mais de lamentar quanto é certo sabermos, por outros exemplos peninsulares (Antelas, Oliveira de Frades; Pedra Coberta, Corunha, por exemplo) que os dólmenes decorados evidenciavam muitas vezes uma organização de conjunto, que de modo algum se pode confundir com a simples justaposição de motivos, por nós hoje de algum modo arbitrariamente isolados.

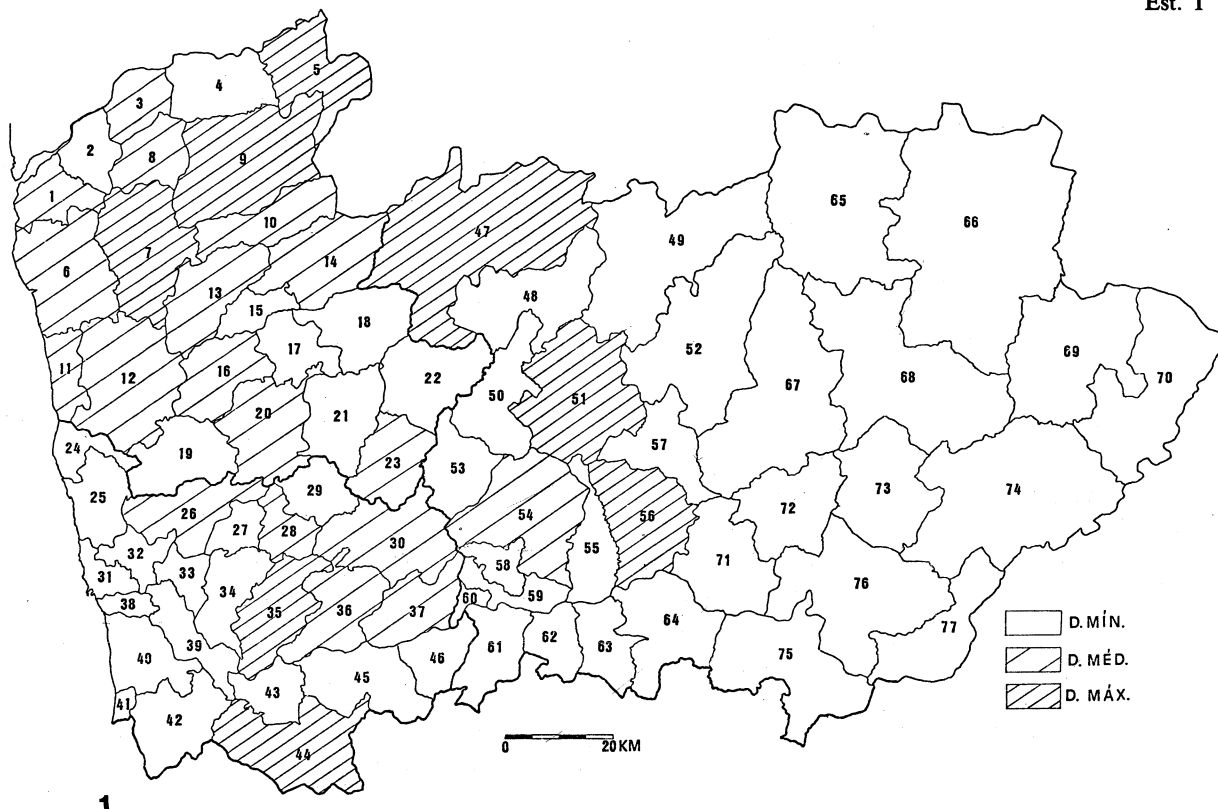
No que toca aos *menires*, lembremos que existem apenas dois casos inequívocos no Norte do país: o de Luzim, no concelho de Penafiel, e o de S. Paio de Antas, Esposende, ambos em zonas onde estão assinaladas mamoas. Ilustram dois tipos diferentes desta classe de monumentos, pois que um, o de Luzim, é uma simples laje de forma irregular, enquanto que o de S. Paio de Antas se apresenta afeiçoado, com secção sub-elíptica. Os chamados «menires» das Turrinheiras (Cabeceiras de Basto) e do «Penedo Longo» (Amarante) não passam de formas naturais ⁽²¹⁾.

Rennes, Outubro de 1983

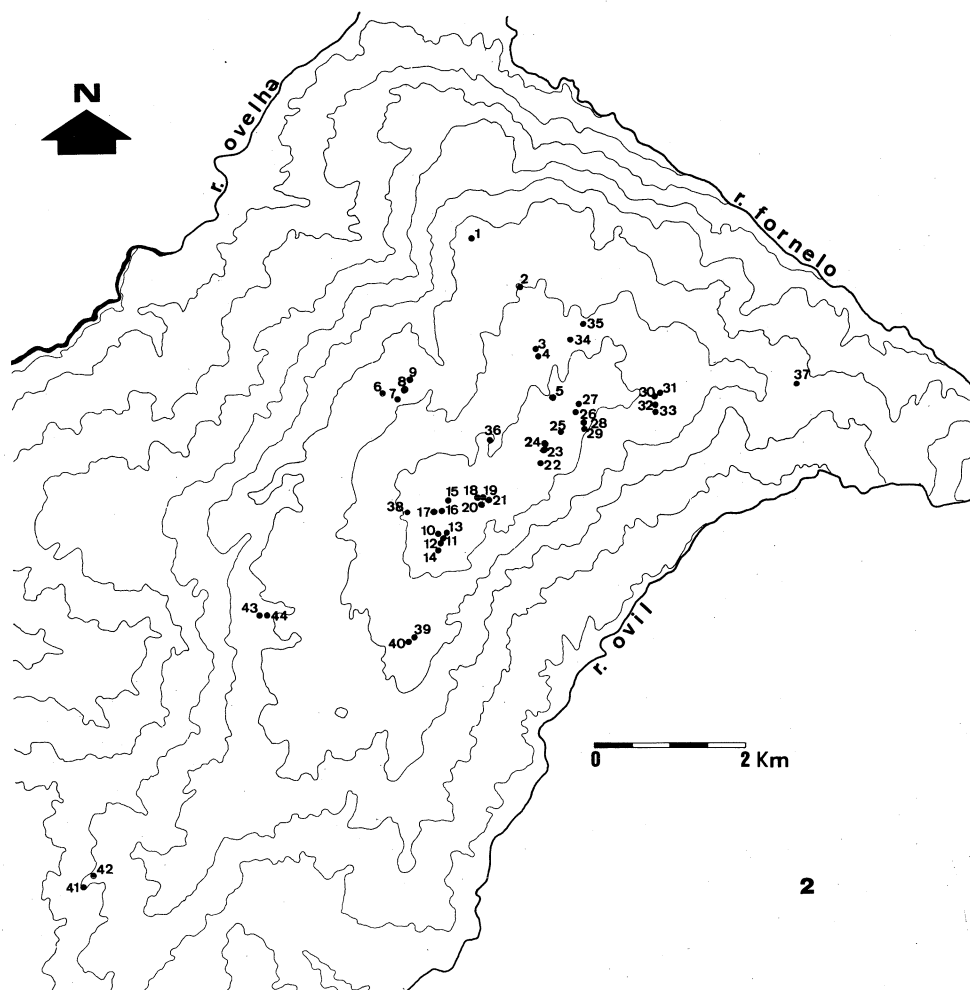
⁽¹⁹⁾ *The Megalithic Art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press, 1981.

⁽²⁰⁾ Tres tumbas megalíticas decoradas en Galicia, *Trabajos de Prehistoria*, 30, 1973.

⁽²¹⁾ Ao longo do presente texto, e relativamente à Serra da Aboboreira, foram utilizados dados provenientes de algumas escavações não realizadas pelo autor, cuja referência agora se completa: Mamoa 1 da Abogalheira, por E. J. Lopes da Silva e A. Leite da Cunha (1979-1980); Mamoa 4 de Outeiro de Gregos, por Domingos J. da Cruz e Maria de Jesus Sanches (1980); Mamoa 1 da Serrinha, por Fernando A. Silva (1982); Mamoa 1 da Chã do Carvalhal, por Domingos Cruz (1982); Mamoa 3 de Chã de Parada, por Fernando A. Silva (1982-1983). A Mamoa da Mina do Simão foi escavada pelo autor, de colaboração com Maria da Luz Oliveira (1983).



1



2

1 — Megalitismo do Norte de Portugal; concelhos de densidade mínima (0-10 mon.), média (11 a 40 mon.) e máxima (acima de 40 mon.). Estes últimos são: Melgaço (n.º 5), Arcoz de Valdevez (n.º 9), Ponte de Lima (n.º 7), Montalegre (n.º 47), Vila Pouca de Aguiar (n.º 51), Alijó (n.º 56), Penafiel (n.º 35) e Arouca (n.º 44).

2 — Conjunto megalítico da Serra da Aboboreira (adaptado do mapa de esc. 1/50.000, reduzido). Os 44 monumentos referenciados vêm descritos em Jorge, *Megalitismo do Norte de Portugal...* 1982, vol. I, pp. 565 e seg.



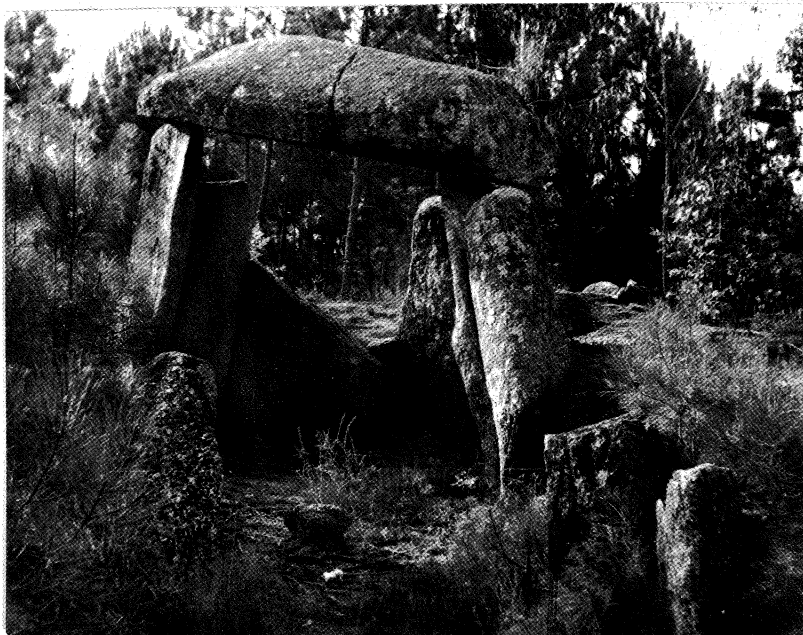
1 — Dólmen com pequena câmara poligonal regular (Mamos 2 de Meninas de Castro, S. da Aboboreira, Baião).



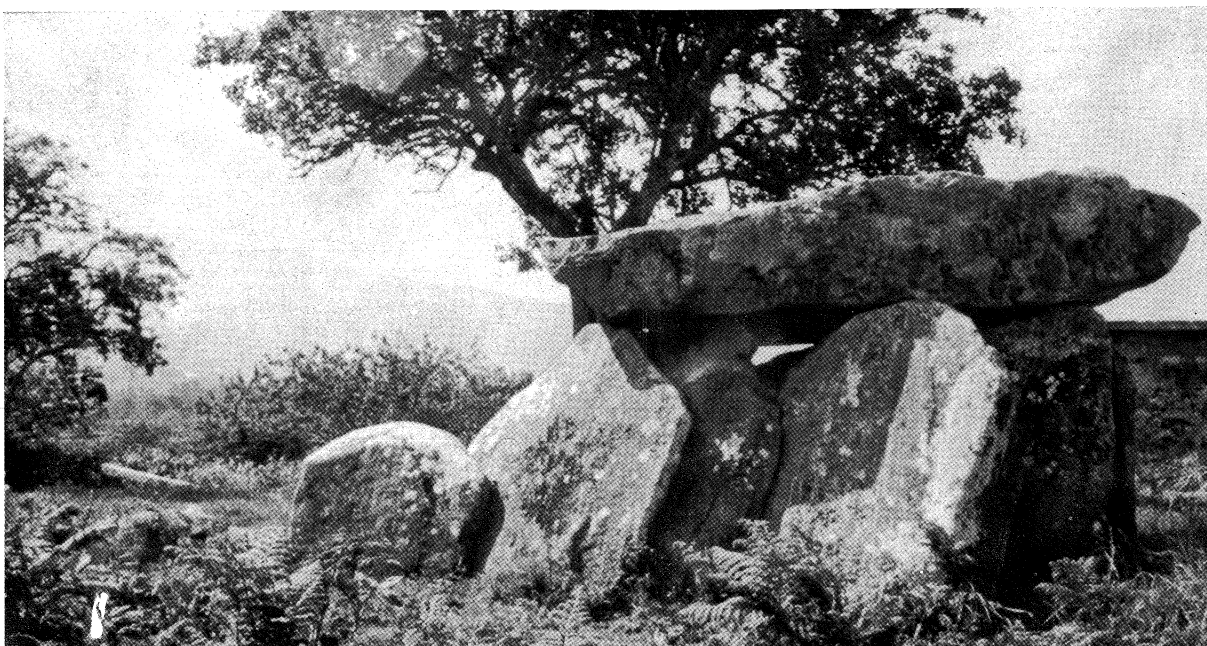
2 — Dólmen com câmara poligonal alongada (Mina do Simão, S. da Aboboreira, Amarante).



3 — Dólmen de grande câmara sub-elíptica, com entrada a nascente (Mamoia 1 de Outeiro de Arte, S. da Aboboreira, Baião).



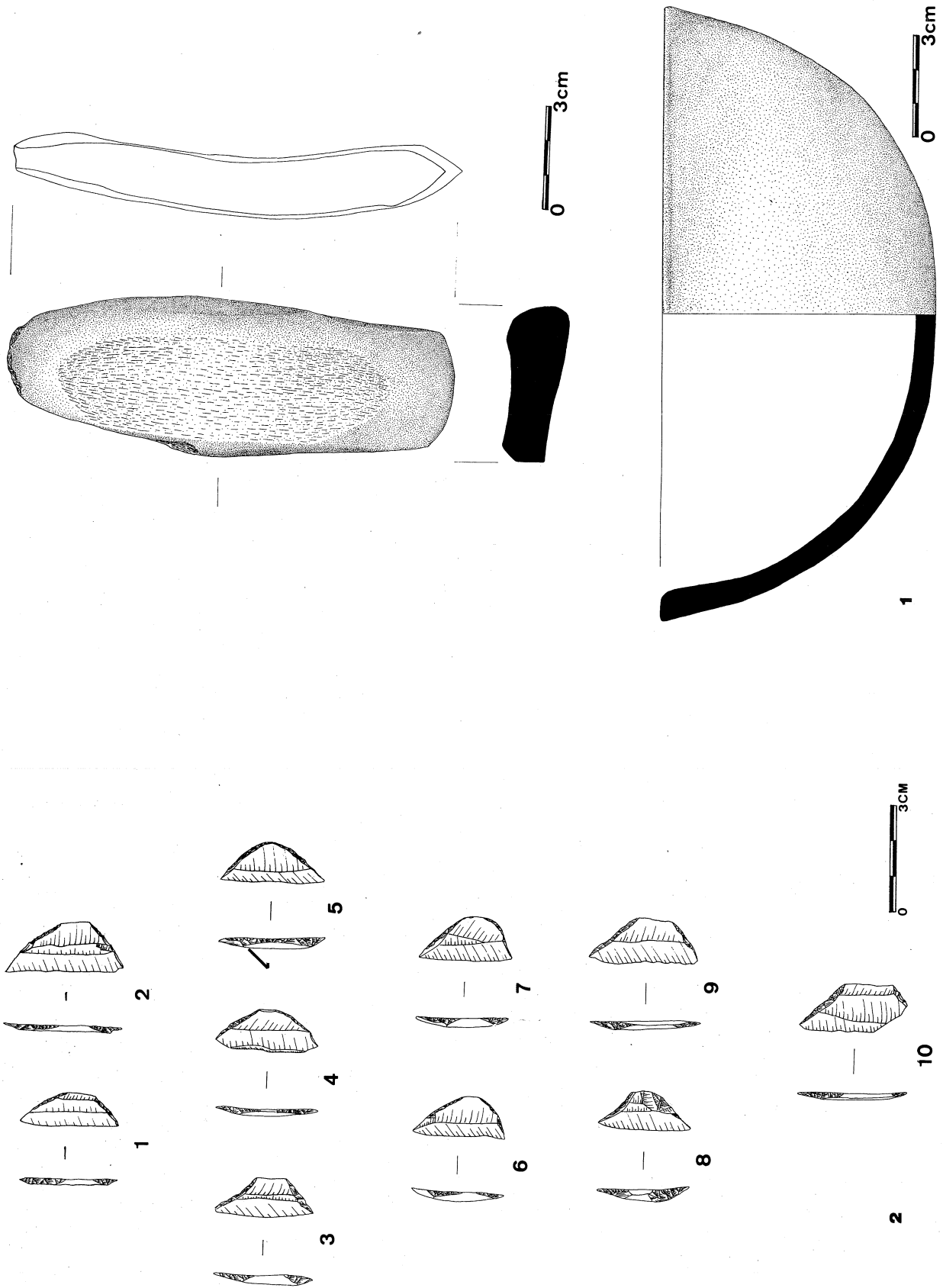
1 — Dólmen de Santa Marta (Penafiel).



2 — Dólmen da Barrosa (Caminha).



3 — Cairn de Meninas do Crasto 4 (Aboboreira, Baião), com anel megalítico periférico (escav. Jorge, 1982).



Est. IV — Exemplos de espólios de monumentos megalíticos do Norte de Portugal: 1 — enxó do «dólmen pequeno» de Perafita, Alijó (Museu Nacional de Arqueologia, n.º 9596) (des. de M.^a Jesus Sanches) e vaso em calote esférica da Anta de Frasão, Paços de Ferreira (Museu Nacional de Arqueologia) (des. de M.^a Jesus Sanches); 2 — micrólitos geométricos das mamoas do Monte Mozinho, Penafiel: Praina do Loureiro (1-9) e Tapada de Baltar (?) (10) (Museu do Instituto de Antropologia, Porto) (des. de Susana O. Jorge). V. descrição detalhada em Jorge, *Megalitismo do Norte de Portugal...*, 1982, vol. I, pp. 741 e seg.

O MEGALITISMO GALEGO: A PROBLEMÁTICA SUSCITADA A PARTIR DAS INVESTIGACIÓNS MÁIS RECENTES

Antón A. Rodríguez Casal *

Non vou insistir nesta ponencia sobre aqueles aspectos xerais, xa coñecidos, do Megalitismo galego, senón incidir nas últimas investigacións e nas novas perspectivas abertas sobre os temas que nos ocupa. Pero antes, vou bosquexar, aínda que moi brevemente, os aspectos máis sobranceiros da Cultura Megalítica da Galiza.

1 — A Cultura Megalítica en Galiza

«Cultura» é xa de por sí un término confuso. Cicais debamos ter en conta que a Cultura non pode desleigarse do concepto de «modo de produción», do que se deduce que a cultura abranxe non soio ao xeito no que se producen e distribúen os bens materiais dunha determinada sociedade, senón que atinxe tamén á totalidade sociocultural, é dizer, a tódolos niveis e ámbitos e aos seus modos de artellamento, nun sistema orgaizado e composto ao menos por tres niveis de operatividade: o tecnoeconómico (estudo dos artefactos e a cultura material nunhas bases económicas determinadas), o sociopolítico (como resposta á mudanza económico-tecnolóxica operada durante o Neolítico) e o ideolóxico (o por qué da aparición de grandes mausoleos funerarios de enterramento coleitivo). E todo elo en relación cos factores ecolóxicos que teñen propiciado a aparición das sociedades megalíticas.

«Megalítico» é tamén un término impropio por canto a acepción non abranxe a monumentos en mampostería seca ou á función á que estaba destinado o monumento. Sería un término de significado relativo que debe ser empregado tan só como solución taxonómica.

«En Galicia», restrinxe o fenómeno a unha zona que debe ser estudada conxuntamente co Norte de Portugal e mesmo Asturias.

O estado actual da investigación

Ao encarar o Megalitismo galego, como xa tiña amosado con ocasión da «Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal» (Porto, abril 1978), atopámonos con múltiples problemas que veñen dados por unha banda, por mor do estado actual da investigación que amosa importantes lagoas prá súa sistematización, e por outra, debido ás características propias da Galiza, en aspectos tais como o xeolóxico, edafolóxico (chans acedos), climáticos e mesmo sociais, o que ten repercutido en moitos casos na conservación das xacidas (lembramos as destrucións do século XVII).

Na historia da investigación máis recente, cun recordo á laboura de autores como Federico Maciñeira, López Cuevillas, o casal Leisner, Bouza Brey, Ramón Sobrino, Alfredo García Alén, e tantos outros, témonos que referir á mudanza radical producida a partir dos anos setenta, cun novo metodolóxico e unha investigación coordinada entre os Museos galegos, a Universidade e o Instituto enfoque «Padre Sarmiento» de Estudos Galegos. Dende ese momento, intensificaráanse as prospeccións, os traballos de inventariado e catalogación, excavacións e estudos de laboratorio.

Imos pois analizar cál é o estado da investigación do Megalitismo galego, nos seus diversos aspectos.

2 — Megalitismoa e medio físico: distribución das mámoas

As investigacións pioneiras encol deste tema son debidas a Federico Maciñeira, que por vez primeira fala da asociación entre mámoas e xeografía e o seu vencellamento cos camiños antigos, que o mesmo verificou na Serra Faladoira. Anos despois, tanto Leisner como López Cuevillas incidirán no feito

* Museo Provincial de Lugo

de que a distribución megalítica en Galicia fundaméntase na súa asociación cos terrenos graníticos, emprazándose normalmente as necrópoles en gándaras e penicháns terminais das serras, e con máis raridade, no curuto ou nas abas dos outeiros. No momento actual atopámonos con amplas áreas prospectadas e traballos importantes sobre este tema, sendo de salientar os seguintes:

— Prospeccións realizadas na práctica totalidade da provincia de Pontevedra e outras zonas como a Serra Faladoira, Incio, Xallas, Barbanza, etc. Entre os traballos máis recentes, salientamos:

Bello, J. M., Criado, F. e Vázquez Varela, J. M.: *La Cultura megalítica del Noroeste y sus relaciones con el marco natural: implicaciones socioeconómicas* (manuscrito inédito); Criado, F. e Rodríguez Casal, A.: *Megalitismo e medio xeolóxico nas comarcas de Xallas e Melide* e outros traballos xa publicados (nomeadamente en *Gallaecia* e *Brigantium*).

Istes traballos permítenos contar cun mapa de distribución que, aínda que incompleto, sería o seguinte, segundo as tres grandes unidades morfotectónicas de Galicia:

— *Bloque montañoso septentrional*: destacan dúas áreas ben definidas, como son a Serra da Capelada, cun inventario de 44 mámoas (catálogo de Maciñeira) e a Serra Faladoira con 87 mámoas, aliñadas ao longo dun «camiño real». Iestas necrópoles relaciónan-se ao sul co importante núcleo da Conca Outa do río Eume.

— *Gran Macizo montañoso oriental*: é a zona de menor densidade de mámoas, practicamente ausentes nas grandes alturas, ao tempo que se sitúan nas estribacións occidentais do Macizo, dende o curso medio do río Eo, na Fonsagrada, e máis ao sul nas terras do Incio, ao pé da Serra de Lóuzara.

— *Bloque montañoso suroccidental*: nesta grande área que vai dende as terras de Fisterra todo ao longo da costa, até a foz do Miño, e ao Nascente cun xebro moi nidio na Dorsal galega e a Serra do Suído, sitúan-se importantes núcleos megalíticos, entre os que sobrancean as áreas da Serra do Barbanza (con monumentos tan impresionantes como as antas de Argalo, Arca de Barbanza ou Axeitos; cfr. Tese de licenciatura inédita de Xerardo Agrofoxo), terras de Armenteira, península de Morrazo e o núcleo da área viguesa (necrópoles de Beade, Altos de S. Colmado, monte Vixiador, Monte Penide . . .). Máis ao interior é mester salientar os núcleos megalíticos de Terra de Montes, Lalín, Rodeiro, a Serra do Suído . . .

— *A Penichaira galega*: esta ampla zona sitúa-se, en liñas xerais, entre as anteriores unidades morfotectónicas, cos seguintes grupos: 1) Terra Chá Lucense, unha das zonas galegas de meirande densidade de megalitos, dende as terras de Villalba, Xermade, Lousada, arredores de Lugo, Buriz, Begonte, Friol, e máis ao sul Monterroso que enlaza cos grupos de Melide. Ao sul da provincia lucense hai que citar os grupos do Saviñao e Val do Sil. 2) A provincia de Ourense con numerosos núcleos megalíticos no Val alto do Limia (Monte Albán, San Cibrao, Val do Barbantiño), que se prolongan coas mámoas de Cea, O Carballiño, Serras do Testeiro e Suído, Calvos de Randín, Serra das Motas e do Laboreiro, Maus de Salas, etc., que enlazarían coas necrópoles da outra beira do Miño (Arcos de Valdevez, Paredes de Coura, Serra do Marão e da Aboboreira e a rexión de Tras-os-Montes). 3) Terras de Melide e Sobrado, cun total de 84 mámoas catalogadas (a partires dos traballos pioneiros de Bouza e Cuevillas e recentemente de F. Criado e Mariano Grajal. Ver *Brigantium* 1 e 2 e *Gallaecia*). Iste grupo enlaza coa terra de Ordes, na que é mester citar a anta de Cabaleiros e a mámoa de Andoio-Rechaba. 4) Bisbarra de Xallas cunha chea de antas de grandes proporcións e estrutura ben conservada: Casa dos Mouros, Arca da Piosa, Pedra Cuberta, Parxubeira, Monte Carneio, etc., e ao N. da zona os megalitos de Brigantiños (Dombate, Pedra de Arca) que se proxectan até os arredores de A Coruña.

Cómprouse, pois, que toda Galicia aparec inzada de mámoas dun xeito uniforme dabondo, tanto nas zonas próximas á costa como nas penicharias e vales do «hinterland», aínda que con densidades diferentes e cun límite moi nidio no Macizo montañoso oriental, o que parece reforzar o carácter occidental e atlántico do Megalitismo galego.

3 — *Arquitectura e estruturas tumulares*

Pouco se ten avanzado no estudo da arquitectura megalítica, aínda que contamos con novos dados dos sistemas constructivos, a partires das recentes excavacións, nas que se verificou a aparición de calces e cuñas e sistemas complexos da construción (Argalo e Parxubeira, por exemplo), aparición de camadas de area de xabre dispostas arredor da estrutura, con furados de finalidade constructiva (excavación de 1983 na Parxubeira), corredores con enlousados (Parxubeira), corazas pétreas e anillos basais periféricos (Oirós) ou no medio do túmulo (Argalo), todo o cal está a facer mudar a idea tradicional encol das estruturas tumulares, tema no que se está a investigar no momento actual con especial énfasis.

Dende o punto de mira crono-constructivo, seguimos mantendo (como hipótese de traballo a comprobar con novas excavacións) que as antas máis antigas figuran ser as poligonais sinxelas, xurdindo máis tarde a anta de corredor e nun momento seródio as cámaras de planta cadrada e rectangular.

4 — *Cultura Material*

— Industria lítica: dentro da pedra puída inclúense machados, aixadas, cinceis, goivas, etc., de tipoloxía e tamaños diversos e seccións diferentes, xeralmente en rochas metamórficas. Compreta o inventario, bolas, as veces cun puído e regularidade extraordinaria, muiños de mán, do tipo de movemento e vaivén, e unha moi rica colección de artefactos perforados (machados perforados no talón, mazas de combate, doubles aixadas, bipennes (un recentemente exhumado nunha mámoa de Begonte). Sobre iste tema están no prelo dous artigos, un de R. Fábregas e outro do que ista ponencia presenta. Verbo da pedra tallada, destacan numéricamente as puntas de flecha, normalmente de bordos converxentes e base triangular, ás veces con pequeno pedúnculo e aletas iniciadas. Entre os microlitos xeométricos son maioritarios os trapezoidais e en menor medida os triangulares, faltando totalmente as meias lúas, mentras que as follas e lamelas son normalmente brutas, agás de dous perforadores, un exhumado en Oirós e outro nunha mámoa de Leiro. Por último, é mester citar (entre outros obxetos) un puñal de sílex dunha mámoa de Cela (Mos), segundo L. Monteagudo de filiación co Norte de Europa. Sobre a industria lítica lascada do Megalítico galego ten Ramón Fábregas presentado recentemente a súa Tese de licenciatura (inédita).

— Cerámica: aparece documentada en gran número de mámoas, sendo a lisa a máis adoitada, ou ao sumo con sinxelas incisións e bordos engrosados, con pastas de má qualidade e formas tais como cuncos, vasos esféricos, semiesféricos, troncocónicos, etc. Como excepcional hai que salientar un cunco con decoración incisa, de liñas paralelas, exhumados nunha anta de O Buriz (Lugo), relacionábeis co suleste peninsular (excavacións de Bouza Brei e García Martínez, xunto con outros). Sobre o Campaniforme cfr. a monografía de F. Criado e Vázquez Varela, aínda que hai outros artigos no prelo. Ao momento final do Megalitismo parecen pertencer os vasos «de largo bordo horizontal» de Oirós e do Bronce Inicial é un vasiño atopado na anta de Parxubeira.

Neste momento Félix de la Fuente está a rematar a súa Tese de licenciatura encol do tema da cerámica no megalitismo galego.

En canto aos obxetos de adorno e cultuais, son escasos (doas de colar, esfeiras, colgallos, etc.). Finalmente, en canto a metal, recentemente teñen aparecido restos de ouro en Oirós e un espeto de puñaliño de cobre na Parxubeira, que completan o xa coñecido.

5 — *Manifestacións artísticas*

Arredor unha veintena de antas amosan laxes graburadas con motivos diversos e de non doada interpretación, entre as que destacan Espiñaredo, Dombate, Casa dos Mouros, Pedra Cuberta (con pinturas publicadas xa por Leisner), Parada de Alperiz, Mámoa do Rei, Roza das Módias e Marco do Camballón (ista aínda inédita, con liñas sinuosas, ondeantes e helioformes, según información de X. C. Sierra). A vista distes restos artísticos, coidamos que, máis que unha sinxela decoración, estaríamos diante dun símbolo relixioso en relación co culto aos mortos, preocupación ista constante nas comunidades constructoras de megalitos.

Aparte desto, hai que salientar, pola súa excepcionalidade a aparición na anta de Parxubeira (excavación de 1983) de catro estelas antropomórficas (do tipo de outras exhumadas na anta de Argalo. Informe de García Martínez), na base tumular fronte ó corredor da anta, que — sen dúbida algunha — as vencellamos con outras estelas semellantes, tipo as de Ile Guennoc na Bretaña, e que están a xogar un papel importante no enterramento (xa sexa representación dunha deidade, do morto, e cunha finalidade cultural de rito sepulcral, sentido apotropaico, etc.).

6 — *Economía, relixión e sociedade*

Pra achegármolo-nos á economía das comunidades megalíticas no noso país, é preciso ter en conta cal era o medio climático, así como cales as características xeomorfolóxicas e a paleopaisaxe no que ise home se desenvolvía: os diagramas polínicos (varios xa publicados e outros a analizar neste momento) mostran un clima máis quente e húmedo que o actual, con boscos de carballos, aciñeiras, abelairas e olmos, todo elo típico do período atlántico e comezos do suboreal. Tradicionalmente tense considerado que a economía básica das comunidades megalíticas de Galicia fundamentábase na caza e máila recolleita, cun fondo residual de economía depredativa de tradición epipaleolítica, basada nun sistema económico de gandería trashumante e ou semitrashumante e unha agricultura itinerante. Aínda que

algúns autores intentan apurar demasiado os datos cos que contamos, hai que ter en conta que pouco máis podemos dicir, no momento actual da investigación, e esa visión viría dada pola falta total de hábitats no noso territorio, mais sen dúbida e factíbel que xa en momentos pre-megalíticos tiveran aparecido os factores propios da neolitización. Agardamos con sumo interese a publicación dos xacementos de O Regueiriño, Chán dos Carrís e Fontenla, no Morrazo (investigacións de Antón Costa e outros), xacementos de vital importancia para o período neolítico-calcolítico e campaniforme.

A ausencia de hábitats — de seguro serían cabanas construídas con materiais perecedeiros — leva a pensar en grupos pastoralistas, aínda que ao lado dunha economía básicamente gandeira, debían ter unha relativa importancia a agricultura forestal, cun sistema de tala e roza da vexetación, e tamén unha agricultura cerealística, como parecen sinalar os diagramas polínicos.

A Cultura megalítica galega caracterízase polo grande número e espallamento das necrópoles, o que revela a existencia dunha poboación numerosa dabondo, e como xa facía constar hai anos Cuevillas, cun sistema social dispersivo, en réxime social de pequena aldea e unha estrutura política pouco complicada. Indudablemente, este sistema social suxire unha estruturación social «xentilicia», coa aldea como unidade básica e un hábitat disperso. Agora ben, ao tentar facer unha análise demográfica e social do Megalitismo galego, batemos con varios problemas: por unha banda a non localización das estruturas habitacionais (do que se deduz doadamente que sómente podemos chegar a coñecer a vida espiritual a partires dos datos que nos fornecen as sepulturas, mentras que todo son lagoas e hipóteses encol da súa vida cotidiana) e, por outra, o non saber en qué momento foron ergueitas as mámoas ou durante qué lapsus de tempo.

O que si parez indubidábel é que estamos ante unhas comunidades pequenas, cicais de relación consanguínea extensa, cunha orgaización baseada na cohesión por vencellos de descendencia e parentesco, cun grande sentido relixioso relacionabel ao culto do máis alá (lembramos unha vez máis a arte parietal e as estelas) o que se traduz no erguemento de panteóns funerarios colectivos. Estes grupos megalíticos ocuparían áreas concretas, segundo patróns diferentes de actividade, nas que as mámoas poderían actuar como «marco de territorialidade», e cumprindo unha función de lembranza dos devanceiros. Por outra banda, a asociación das mámoas e camiños antigos, verificada en varias áreas galegas, podería indicar a existencia de contactos comarcais e relacións con grupos veciños.

Se ben os espólios funerarios fan coidar nunha sociedade igoalitaria dabondo, que enterra colectivamente aos seus mortos, e formada por pequenos grupos máis pacíficos que guerreiros — non se coñecen poboados fortificados —, sen estratificacións sociais moi marcadas, con ostante, as comunidades megalíticas de Galicia debían ter unha certa vitalidade, cun sedentarismo suficiente: é impensabel a realización dun monumento megalítico, con toda a serie de problemas técnicos e humanos inherentes ao traballo de extracción das laxes, o transporte con medios rudimentares ou a propia construción do megalito, todo o cal esixe unha especialización no traballo e unhas comunidades numéricamente suficientes cunha economía excedentaria.

7 — Orixe e cronoloxía

Como hipótese de traballo, que deberá ser confirmada polos novos traballos en curso, propoñemos a seguinte periodización:

1. Megalítico «inicial»: o impacto de Megalitismo produciríase en Galicia a mediados do IV milenio a partir de grupos humanos procedentes do N. de Portugal. Sería o momento do erguemento das primeiras antas poligonais pechadas e artefactos arcaicos (Cfr. coa Serra da Aboboreira), e unha datación en torno a 3500 a.C.

2. Megalítico «medio»: momento de espallamento da «idea» megalítica por todo o territorio, cunha complicación da arquitectura. O fósil indicador é sobre todo a punta de flecha de base triangular. Sería tamén o momento de culminación da arte parietal. A grandes rasgos estaríamos entre o Neolítico Final, aprox. 3000 a.C., e o Calcolítico inicial, aprox. 2500 a.C.

3. Megalítico «final»: entre o Calcolítico inicial, coa aparición de enterramentos en cistas megalíticas ou en fosas (salientar o enterramento «intacto» nunha fosa da Mámoa de Monte Campelos en Begonte, con cinceis, un bipenne e 10 prismas de cristal de rocha), até a aparición do Campaniforme por volta do 2200-2100 a.C. O espólio definidor dese momento final ven dado por machados de sección achatada (cicais copia de prototipos metálicos), mazas de combate, dobles aixadas, cincéis e bipennes (Horizonte Rechaba, de Vázquez Varela). E iste o intre no que claramente se racha o aillamento do Megalitismo galego, comezando os contactos con outras áreas, a maior escala do que anteriormente), tanto co Norte de Europa (bipennes, mazas, puñal de sílex de Cela), como co mundo megalítico do sul peninsular.

O fenómeno megalítico galego péchase, aínda que non dun xeito radical, co desenvolvemento da actividade metalúrxica, desaparecendo o enterramento colectivo, que dá paso ao enterramento individual que xa nos mostra unha mudanza completa e total na ideoloxía, como é a idea da primacía do individuo fronte á colectividade.

8 — *Perspectivas*

De todo o dito pódese deducir que nos últimos anos está a desenrolarse unha actividade importante na investigación do noso megalítico. De tódolos xeitos, a imaxe que aínda temos pode parecer fragmentaria, pero tamén é certo que «fáise camiño ó andar». Problemas hai moitos e preguntas a solventar arreo. Así poderíamonos preguntar:

- Cál o papel do Megalitismo galego no ámbito atlántico é peninsular?
- Cuáis as orixes, desenrolo e acultururación ou desaparición do fenómeno?
- Cuáis as pautas de asentamento megalítico e o papel da mámoa no territorio?
- Por qué a falla de poboados?
- Cómo encarar o problema da «vida cotidiana»?
- É válida ou non a sucesión crono-tipolóxica actualmente aceptada?
- Cál o papel dos artefactos no sartego?
- Cuáis as pautas na distribución megalítica?
- Cál o papel do megalitismo na neolitización?
- Cuáis as relacións co fenómeno campaniforme?
- Cómo encarar o Megalitismo final e o aparecemento do enterramento individual?

Estas e outras preguntas están en parte por resolver. Pero consideramos que dado o interese do tema, hai que tentar unha aproximación ao problema, extensible a outras etapas da Prehistoria galega. E para elo, a Sección de Prehistoria e Arqueoloxía do Instituto Padre Sarmiento de E. Galegos ten constituída una serie de comisións científicas de programación, por etapas cronolóxicas, para elaborar un Plan de investigación da etapa correspondente, a corto, medio e longo prazo.



1

1 — Anta de corredor desenvolvido, nos arredores de Vigo (nos terrenos do Círculo Mercantil).

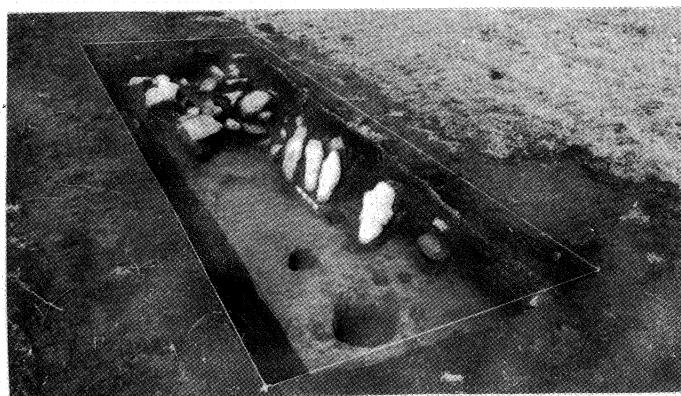


2

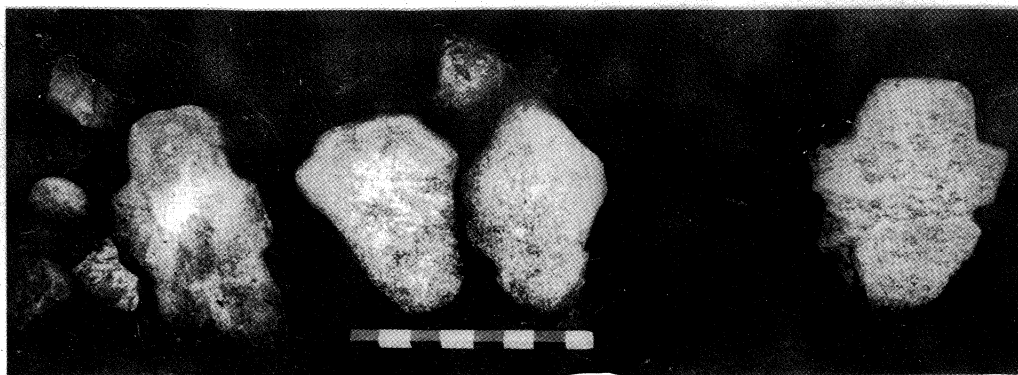
2 — A Casota de Berdoias. Anta típica da fase final do Megalítico galego.



3



4



5

3 — Vista parcial da excavación da anta de A Parxubeira (campanha de 1983).

4 — Conxunto de varias estelas antropomórficas achadas na mámoa da Parxubeira (1983).

5 — As estelas antropomórficas da Parxubeira, situadas no exterior do túmulo, fronte ao corredor da anta.